



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

VICTOR FERNANDES

**O FIM DOS TEMPOS NO IMAGINÁRIO
POPULAR OCIDENTAL**

**JOÃO PESSOA
2025**

VICTOR FERNANDES

**O FIM DOS TEMPOS NO IMAGINÁRIO
POPULAR OCIDENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões, sob orientação da professora Dr. Maria Lucia Abaurre Gnerre.

João Pessoa
2025

**Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

F363f Fernandes, Victor.
O fim dos tempos no imaginário popular ocidental /
Victor Fernandes. - João Pessoa, 2025.
30 f. : il.

Orientação: Maria Lucia Abaurre Gnerre.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Religião. 2. Cultura. 3. Apocalipse. I. Gnerre,
Maria Lucia Abaurre. II. Título.

UFPB/CE

CDU 2(043.2)

Elaborado por SUELEÉM VIEIRA MOURA BRITO - CRB-15/397

VICTOR FERNANDES

O FIM DOS TEMPOS NO IMAGINÁRIO POPULAR OCIDENTAL

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Ciências das Religiões.

BANCA EXAMINADORA
Documento assinado digitalmente

gov.br MARIA LUCIA ABAURRE GNERRE
Data: 14/05/2025 15:13:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura: _____
Prof.

Documento assinado digitalmente

gov.br ANA PAULA FERNANDES RODRIGUES
Data: 15/05/2025 09:05:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura: _____
Prof.

Documento assinado digitalmente

gov.br ALYSSON BRABO ANTERO
Data: 15/05/2025 12:51:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura: _____
Prof.

João Pessoa, 09 de Maio de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pela força e saúde concedidas ao longo desta caminhada.

À minha orientadora, Dra. Maria Lucia, expresso minha mais profunda gratidão por sua orientação segura, e sensibilidade ao longo de todo o processo de elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso. Sua competência acadêmica e sua atenção cuidadosa aos detalhes foram essenciais para que este trabalho se concretizasse.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores e professoras do curso, que contribuíram de forma significativa para minha formação intelectual e pessoal, compartilhando saberes com generosidade e comprometimento.

Aos colegas e amigos que fizeram parte dessa jornada, obrigado pelas trocas, pelo apoio mútuo nos momentos difíceis e pelas conquistas compartilhadas.

A minha família, meu alicerce, agradeço por todo o apoio, paciência, incentivo e amor incondicional. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

A todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, deixo aqui o meu sincero muito obrigado.

“Eu sou o Tempo, o grande destruidor “
Bhagavad Gita 32:11

“Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão.”

2 Pedro 3:10
Bíblia Sagrada

“Ainda há uns dias a reflexão e o arrependimento: por que não os utilizaremos? Se o fim do mundo não for em fevereiro, todos teremos fim, em qualquer mês...”

Cecília Meirelles (1998 [s.d.], p. 73)
O Fim do Mundo

RESUMO

Diante da recorrência de discursos e produções culturais que abordam o fim do mundo, este trabalho investiga algumas representações apocalípticas no imaginário popular ocidental, buscando compreender de que forma essas narrativas refletem os medos, anseios e valores culturais de diferentes períodos históricos. A pesquisa surgiu do interesse em analisar como diferentes sociedades, ao longo do tempo, lidaram simbolicamente com a ideia do fim, seja por meio de crenças religiosas, catástrofes naturais ou colapsos tecnológicos. O estudo tem como objetivo geral investigar as representações do fim do mundo no imaginário popular ocidental, com a finalidade de identificar os padrões simbólicos e arquétipos recorrentes em mitos, religiões, obras literárias e produções audiovisuais. Para isso, foram definidos objetivos específicos, como: identificar as principais representações do fim do mundo ao longo da história; categorizar essas narrativas em dimensões religiosas, naturais e tecnológicas; analisar como essas representações refletem os medos e valores das sociedades que as produziram; e investigar os padrões simbólicos e arquétipos presentes nas obras analisadas. A metodologia adotada tem abordagem qualitativa, com base em análise comparativa e interpretativa de diversas fontes, incluindo textos sagrados, obras literárias, filmes e séries de televisão. A fundamentação teórica abrange autores como Ernst Bloch (2005), Mircea Eliade (1992), Max Weber (2004), Michel Maffesoli (2011), Marcelo Gleiser (2011), Adela Yarbro Collins (2000), David Cook (2005), N. T. Wright (2016), Norman Cohn (1970), além da análise de obras literárias contemporâneas de Cormac McCarthy e Emily St. John Mandel. Os resultados apontam para a presença de padrões simbólicos universais que atravessam diferentes culturas e épocas, revelando a importância do apocalipse enquanto construção narrativa coletiva. Este estudo é relevante por contribuir para a compreensão das dinâmicas culturais e psicológicas que moldam o imaginário apocalíptico, oferecendo subsídios para reflexões sobre o passado, o presente e o futuro da sociedade ocidental.

Palavras-chave: Religião, Cultura, Apocalipse, Ciências da Religião.

ABSTRACT

In view of the recurrence of discourses and cultural productions that address the end of the world, this study investigates the various apocalyptic representations in the Western popular imagination, aiming to understand how such narratives reflect the fears, desires, and cultural values of different historical periods. The research arose from an interest in analyzing how different societies have symbolically dealt with the idea of the end throughout time, whether through religious beliefs, natural catastrophes, or technological collapses. The main objective is to investigate representations of the end of the world in the Western imagination, with the purpose of identifying recurring symbolic patterns and archetypes in myths, religions, literary works, and audiovisual productions. Specific objectives include identifying the main representations of the end of the world throughout history; categorizing these narratives into religious, natural, and technological dimensions; analyzing how such representations reflect the fears and values of the societies that produced them; and investigating the symbolic patterns and archetypes present in the works analyzed. The adopted methodology is qualitative in nature, based on comparative and interpretative analysis of various sources, including sacred texts, literary works, films, and television series. The theoretical framework includes authors such as Ernst Bloch (2005), Mircea Eliade (1992), Max Weber (2004), Michel Maffesoli (2011), Marcelo Gleiser (2011), Adela Yarbro Collins (2000), David Cook (2005), N. T. Wright (2016), Norman Cohn (1970), as well as contemporary literary works by Cormac McCarthy and Emily St. John Mandel. The results point to the presence of universal symbolic patterns that transcend different cultures and periods, revealing the importance of the apocalypse as a collective narrative construction. This study is relevant for contributing to the understanding of the cultural and psychological dynamics that shape the apocalyptic imagination, offering insights for reflections on the present and future of Western society.

Keywords: Religion, Culture, Apocalypse , Religious Studies.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. IMAGINÁRIOS RELIGIOSOS DO FIM: PERSPECTIVAS ESCATOLÓGICAS E NARRATIVAS APOCALÍPTICAS.....	11
2.1 Apocalipsismo: Entre Esperança e Ruptura no Pensamento Religioso.....	11
2.2 Apocalipse nas religiões abraâmicas.....	12
2.3 O fim do mundo em outras religiões.....	14
3 IMPACTOS NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL: ANÁLISE A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DO APOCALIPSE NA ORDEM NATURAL E NO DISCURSO CULTURAL.....	16
3.1 A natureza como expressão apocalíptica.....	17
3.2 Partindo para análise: uma ressonância do imaginário apocalíptico na cultura contemporânea através da música, cinema e literatura.....	19
4 CAMINHANDO PARA O FIM: O APOCALIPSE E SUAS REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS:.....	27
GLOSSÁRIO.....	29

1. INTRODUÇÃO

A temática do fim do mundo sempre instigou a humanidade, despertando tanto medo quanto fascínio. No imaginário ocidental, esse tema transita por diversas narrativas — religiosas, filosóficas, literárias e midiáticas — revelando muito mais do que simples previsões catastróficas: expressa angústias existenciais, esperanças coletivas e transformações sociais. Um exemplo contemporâneo dessa permanência simbólica foi a repercussão de um diálogo inusitado entre as cantoras Baby do Brasil e Ivete Sangalo durante o carnaval de Salvador (BA), em 2024, conforme noticiado pelo jornal A Gazeta do Espírito Santo. A menção ao apocalipse em pleno evento festivo gerou debates nas redes sociais e evidenciou como, mesmo em contexto popular de celebração, o imaginário do fim ainda ressoa de forma marcante.

Esse episódio emblemático motivou uma inquietação inicial: por que narrativas sobre o fim do mundo ainda ganham tanta atenção, mesmo em tempos marcados pelo avanço científico e pela globalização? Mais do que isso, como compreender essas representações dentro de uma perspectiva das ciências da religião e cultural ampla? Considerando tais questões, o presente trabalho busca investigar as representações do fim do mundo no imaginário popular ocidental, refletindo sobre como essas construções simbólicas expressam os medos, os anseios e os valores das sociedades ao longo do tempo.

O objetivo geral deste trabalho é investigar as diversas representações do fim do mundo no imaginário popular ocidental, com a finalidade de compreender de que forma essas narrativas refletem os medos, anseios e valores culturais de diferentes períodos históricos, contribuindo para a identificação de padrões simbólicos e arquétipos que atravessam mitos, religiões, obras literárias e produções audiovisuais. Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (a) Identificar as principais representações do fim do mundo no imaginário popular ocidental ao longo da história; (b) Categorizar essas representações em diferentes tipos de narrativas, como religiosas, naturais e tecnológicas; (b) Analisar como essas narrativas refletem os medos, anseios e valores das sociedades que as produziram; (c) Perceber os padrões simbólicos e arquétipos presentes nas obras literárias, religiosas e audiovisuais que tratam do tema.

A metodologia adotada é de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa, e fundamentada no método comparativo de crenças. Por meio da análise de obras religiosas, literárias e filosóficas, esta pesquisa visa compreender como diferentes culturas e épocas

construíram suas próprias visões sobre o fim. A comparação entre essas crenças permite não apenas identificar permanências e rupturas, mas também refletir sobre como o apocalipse se torna um espelho da condição humana.

Este estudo se ancora em uma fundamentação teórica que contempla autores de diferentes áreas do saber: Ernst Bloch (2005), ao tratar o apocalipse como símbolo de esperança; Mircea Eliade (1992), ao refletir sobre o sagrado e o profano; Max Weber (2004), ao relacionar a ética protestante com visões apocalípticas; Michel Maffesoli (2011), ao considerar o apocalipse como fenômeno cultural recorrente; Marcelo Gleiser (2011), ao propor uma análise entre ciência e religião; e Adela Yarbro Collins (2000), David Cook (2005), N.T. Wright (2016) e Norman Cohn (1970), cujas contribuições ampliam a perspectiva histórica e teológica do tema. No campo literário, destacam-se as obras *A Estrada*, de Cormac McCarthy, e *Estação Onze*, de *Emily St. John Mandel, que ilustram formas contemporâneas de narrar o apocalipse.

Assim, mais do que um exercício teórico, esta análise propõe uma reflexão profunda sobre as formas com que a humanidade encara seus próprios limites, angústias e esperanças. Afinal, o fim do mundo, seja ele entendido como evento real ou metáfora simbólica, nos obriga a confrontar as perguntas mais essenciais sobre quem somos e para onde vamos.

Em termos de estrutura, além da introdução, esta pesquisa está organizado da seguinte forma: na Seção 2, apresenta-se o caminho metodológico e discutem-se os imaginários religiosos do fim; na Seção 3, analisam-se os impactos dessas narrativas no imaginário ocidental e na cultura contemporânea; e na Seção 4, abordam-se as repercussões psicológicas do apocalipse. Encerramos com as considerações finais, destacando os principais achados do estudo.

2. IMAGINÁRIOS RELIGIOSOS DO FIM: PERSPECTIVAS ESCATOLÓGICAS E NARRATIVAS APOCALÍPTICAS

Neste capítulo, será explorada a temática do fim do mundo, abordando as perspectivas escatológicas presentes em algumas tradições religiosas. Faremos uma análise comparativa do apocalipsismo nas principais religiões abraâmicas – judaísmo, cristianismo e islamismo – destacando como suas narrativas apocalípticas emergem em contextos de crise social e histórica, oferecendo uma visão de redenção e esperança. Além disso, será discutido o conceito de apocalipse em outras religiões, como o hinduísmo e o budismo, e como essas tradições também possuem suas próprias narrativas de renovação e transformação, muitas vezes cíclicas.

Sendo assim, o capítulo busca compreender como essas narrativas apocalípticas são fundamentais para as construções simbólicas do fim do mundo, oferecendo visões de renovação, juízo e a busca por um futuro melhor.

2.1 Apocalipsismo: entre esperança e ruptura no pensamento religioso

O apocalipsismo, enquanto fenômeno religioso, aparece como um reflexo das tensões e das adversidades enfrentadas por determinados grupos sociais. Ele se configura não apenas como uma resposta às dificuldades do presente, mas também como uma projeção de um futuro idealizado, onde a ruptura com a ordem estabelecida se dá por meio de uma intervenção divina ou cósmica. Movimentos apocalípticos têm, assim, uma função redentora e transformadora, oferecendo aos seus seguidores uma visão de esperança que contrasta com o caos imediato.

Nesse contexto, Dionísio Soares (2009) afirma que:

“O apocalipsismo está relacionado a movimentos religiosos sociais que adotam uma perspectiva escatológica apocalíptica, caracterizando-se como um sistema de pensamento produzido por grupos visionários. Assim, o apocalipsismo serve como uma resposta à opressão, expressando um desejo de mudança e esperança em um futuro melhor.” (Soares, 2009, p. 99-113)

Segundo o autor mencionado acima, o apocalipsismo está profundamente ligado a movimentos religiosos e sociais que adotam uma perspectiva escatológica apocalíptica, sendo caracterizado como um sistema de pensamento originado por grupos visionários. Esses movimentos, muitas vezes, emergem em contextos de grande crise e opressão, nos quais o sofrimento e as dificuldades coletivas geram uma busca por respostas e significados. A ideia central do apocalipsismo é que a destruição do mundo tal como o conhecemos é necessária para dar passagem a uma nova era, de renovação e justiça. Esse pensamento oferece uma forma de resistência às condições de vida adversas, funcionando como uma expressão de esperança e a promessa de um futuro melhor, livre das mazelas do presente.

Soares (2009) argumenta que o apocalipsismo surge, principalmente, em períodos de intensas desigualdades sociais, políticas e econômicas, quando as condições de vida se tornam insustentáveis. Nesse sentido, ele se configura como uma reação à opressão, uma maneira de projetar uma nova realidade por meio de uma ruptura com o *status quo*. A esperança que permeia os movimentos apocalípticos não se limita a uma simples fuga do sofrimento, mas, ao contrário, é entendida como uma expectativa de transformação radical. O apocalipsismo, portanto, se apresenta como uma resposta ativa ao caos, oferecendo uma visão do futuro onde a ordem e a justiça prevalecem, substituindo a violência e a desigualdade.

Ainda segundo Dionisio Soares (2009), podemos resumir as principais “teologias” apocalípticas das religiões judaico-cristãs como sendo uma espécie de refúgio as mazelas enfrentadas pelo povo durante períodos de caos e tragédias. Soares investiga justamente essa conexão umbilical, analisando como textos apocalípticos judaicos específicos foram incorporados e moldaram a visão de fim dos tempos no Novo Testamento. A compreensão dessa herança judaica é vista como essencial para interpretar corretamente a escatologia cristã – que nos parece ser a grande influenciadora de Baby do Brasil. A seguir uma visão panorâmica sobre o fim das principais tradições monoteísta e algumas fora desse contexto.

2.2 Apocalipse nas religiões abraâmicas

Compreender o fim do mundo, especialmente a partir da visão apocalíptica presente nas tradições abraâmicas — Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, principais difusoras dessas ideias no ocidente e oriente médio—, requer uma análise de suas respectivas escatologias, ou seja, as doutrinas sobre os “últimos tempos”. Embora compartilhem raízes comuns, cada

religião desenvolveu perspectivas distintas sobre o fim do mundo, o julgamento divino e a instauração de uma nova era. Abordaremos cada uma delas com base em interpretações acadêmicas.

O filósofo medieval Maimônides consolidou a crença messiânica e na ressurreição como princípios fundamentais da fé judaica em obras como Mishnê Torá e seu Comentário sobre a Mishná. Estudiosos como John J. Collins analisam o desenvolvimento da literatura apocalíptica judaica, particularmente em períodos de opressão, como uma forma de teodiceia e esperança. Collins (1998) argumenta que textos como o Livro de Daniel revelam uma visão da história controlada por Deus, que intervirá decisivamente para redimir os justos e estabelecer seu reino, focando frequentemente na restauração de Sião e na soberania divina na terra, mais do que na destruição cósmica. O sofrimento coletivo é, nesses textos, interpretado como parte de um plano divino que culminará em justiça e restauração, funcionando como fonte de consolo e resistência simbólica para as comunidades perseguidas.

Adela Yarbro Collins (2000) analisa as continuidades e as transformações do apocalipticismo judaico no cristianismo primitivo. A autora argumenta que os primeiros seguidores de Jesus reinterpretaram as expectativas escatológicas judaicas à luz de sua fé em Cristo como o Messias sofredor e ressurreto, que inaugurou os tempos finais e cuja volta consumará a história. Essa reinterpretação marca uma mudança significativa, pois transfere a realização das promessas escatológicas para a figura central de Jesus, mantendo, no entanto, o tom visionário e profético do apocalipticismo judaico. N. T. Wright (2016) critica interpretações que veem a esperança cristã apenas como uma fuga do mundo material, enfatizando, ao contrário, a doutrina da ressurreição corporal e da renovação da criação como o objetivo final do plano redentor de Deus por meio de Cristo. Para Wright, essa visão amplia a ideia de “fim” não como aniquilação do mundo, mas como sua transformação total, o que alinha o cristianismo com uma proposta de continuidade e renovação, em vez de ruptura e destruição pura.

David Cook (2002; 2005) é um dos principais acadêmicos a estudar a vasta literatura apocalíptica muçulmana, tanto em suas formas clássicas quanto contemporâneas. Cook demonstra como essas narrativas, fortemente baseadas nos Hadith, não apenas formam a doutrina sobre o fim, mas também funcionam como um quadro interpretativo para eventos correntes e podem ter implicações sociais e políticas. A ênfase recai sobre a justiça divina absoluta e a responsabilidade individual perante Alá no Dia do Juízo — outra forma de nomear o Apocalipse ou fim do mundo. A escatologia islâmica se apresenta como uma convocação à retidão e à submissão aos preceitos sagrados, sendo constantemente atualizada

por eventos históricos e geopolíticos. Em muitas tradições, os sinais do fim servem não apenas para prever um desfecho, mas como advertência moral para a conduta no presente.

Dentro do judaísmo, a visão predominante sobre o fim dos tempos, conhecida como "fim dos dias", não se concentra em um apocalipse catastrófico, mas sim na esperança de uma era futura de paz, justiça e reconciliação sob o reinado do Messias. Segundo a tradição judaica, o Messias será um descendente do rei Davi que restaurará Israel, reconstruirá o Templo em Jerusalém e promoverá o cumprimento pleno da Torá. Essa era messiânica não envolve necessariamente o fim do mundo, mas a transformação da história humana, com o fim do sofrimento, da guerra e da injustiça, e a união espiritual da humanidade sob o conhecimento de Deus. A escatologia judaica, portanto, é marcada por um tom ético e redentor, com ênfase na ação humana e na fidelidade à aliança divina.

Já dentro do islamismo; o fim dos tempos é centrada na crença em um Juízo Final, precedido por uma série de sinais apocalípticos que anunciam o fim da era atual. Entre esses sinais estão a vinda do Mahdi, um líder justo que restaurará a fé e a justiça, e o retorno de Isa (Jesus), que derrotará o falso messias e trará paz antes do fim. Após esses eventos, ocorrerá a ressurreição dos mortos e o julgamento por Allah, no qual cada indivíduo será recompensado com o Paraíso ou punido no Inferno, de acordo com suas ações e fé. Essa escatologia enfatiza tanto a misericórdia quanto a justiça divina, servindo como um chamado à retidão moral e espiritual ao longo da vida.

Assim, as três religiões abraâmicas, embora apesar de compartilharem as mesmas raízes, são distintas entre si e produzem narrativas sobre o fim do mundo diferentes, porém compartilham alguns aspectos principais em comum: a intervenção divina definitiva, o julgamento da humanidade e o estabelecimento de uma nova ordem. O apocalípticismo, nesse sentido, se manifesta tanto como narrativa teológica quanto como resposta histórica às aflições humanas, cumprindo papel fundamental na construção das esperanças escatológicas e no imaginário coletivo do fim do mundo.

2.3 O fim do mundo em outras religiões

Além da visão presente nas religiões de origem abraâmica, podemos encontrar esse tipo de conceito também em outras grandes tradições religiosas, ainda que, por vezes, expresso de forma menos clara. O hinduísmo e o budismo, por exemplo, apresentam concepções sobre ciclos cósmicos e destruição do mundo, embora com narrativas distintas

daqueles presentes nas religiões monoteístas anteriormente citadas. No livro *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*, de 1989, do escritor Heinrich Zimmer, o autor explica que, no hinduísmo, o fim do mundo é cíclico e faz parte do processo contínuo de destruição e renovação do universo, sendo o Kali Yuga — a era atual — considerada a mais sombria. A sucessão dessas eras está ligada à decadência moral da humanidade, o que culminaria numa renovação total do cosmos por meio de forças divinas, especialmente com a vinda do avatar Kalki. Essa noção de ciclos infinitos, que percorrem nascimento, morte e renascimento do universo, oferece uma perspectiva diferente, mas não menos significativa, sobre a ideia de fim.

Já Thich Nhat Hanh (1999), em *O coração do ensinamento de Buda (The Heart of the Buddha's Teaching, tradução original)*, observa que, no budismo, o foco recai sobre a impermanência de todas as coisas e a necessidade de alcançar a iluminação para escapar do ciclo de renascimento e sofrimento. O que está em jogo, portanto, não é um juízo final ou um apocalipse externo, mas uma transformação profunda da consciência individual. O sofrimento é encarado como parte do caminho, e o "fim" está mais ligado ao fim da ignorância e do apego do que à destruição do mundo físico. Ainda assim, algumas correntes budistas desenvolvem visões mais escatológicas, em especial quando influenciadas por contextos históricos de instabilidade ou repressão, o que nos mostra que, mesmo em tradições que não centralizam a figura de um Deus criador ou juiz, há espaço para narrativas que lidam com um encerramento da ordem vigente.

Tomando como base o artigo de Dionísio Oliveira Soares (2008), observamos que os paralelos antigos da literatura apocalíptica podem ser encontrados em culturas como a suméria, a persa e a grega. Exemplos incluem presságios e agouros, como os encontrados no Livro dos Jubileus e em obras de Hesíodo, que refletem previsões escatológicas. Essas manifestações, muitas vezes associadas a crises sociais, guerras ou desastres naturais, forneciam explicações simbólicas para o sofrimento coletivo e mantinham viva a esperança de uma transformação radical do mundo. Essas similaridades indicam que a temática apocalíptica não é exclusiva do contexto judaico-cristão, mas está presente em diversas tradições literárias antigas. Em todas essas manifestações culturais e religiosas, o "fim" aparece como “ruptura e, ao mesmo tempo, como promessa de recomeço” — o que reforça a força simbólica e universal dessa ideia ao longo da história da humanidade (Soares, 2008, p. 99).

Além disso, o Zoarismo da Pérsia antiga tem sido apontado como uma importante influência para a apocalíptica judaico-cristã. De acordo com Peixoto (2019), o Judaísmo do

Segundo Templo, mais especificamente em sua literatura Pseudepigráfica (especificamente o Livro de Enoque), tenha sido influenciado por tradições apocalípticas persa-zoroastristas:

Tais paralelos aparecem sequencialmente numa narrativa mítica que chamo de “Ordálio Universal”, uma paisagem apocalíptica envolvendo seres angelicais e divinos, montanhas metálicas e um rio de metal incandescente. Tanto na narrativa zoroastrista quanto na judaica, toda a humanidade e até seres sobrenaturais deverão passar por esse rio, e por ele serão sentenciados como ímpios ou justos (Peixoto, 2019, p. 169)

Dando continuidade à discussão, na próxima seção serão explorados os impactos que as representações do fim do mundo provocam no imaginário ocidental, tanto em sua dimensão simbólica quanto nas manifestações culturais contemporâneas. Analisaremos como essas narrativas, impregnadas de sentidos religiosos, sociais e estéticos, atravessam o tempo e se atualizam por meio da literatura, da música, do cinema e da percepção coletiva da natureza como um presságio. Essa abordagem permitirá compreender como o apocalipse se tornou uma linguagem recorrente para expressar medos, esperanças e rupturas em diferentes contextos históricos e culturais.

3. IMPACTOS NO IMAGINÁRIO OCIDENTAL: ANÁLISE A PARTIR DAS REPRESENTAÇÕES DO APOCALIPSE NA ORDEM NATURAL E NO DISCURSO CULTURAL

“Mostrando assim que essas crenças moldam o nosso comportamento, desde as decisões políticas até as coisas que a gente faz no dia a dia” (Barros, 2011).

Barros (2011) demonstra que crenças — como a do apocalipse, com seu complexo simbolismo — transcendem a interpretação estritamente teológica ou literal de um grupo religioso específico. Tais narrativas funcionam, em grande medida, como espelhos das crises sociais, dos temores coletivos e dos padrões de comportamento grupal que caracterizam diferentes épocas históricas. Elementos recorrentes nessas visões — conflitos bélicos, epidemias, catástrofes naturais e figuras disruptivas — podem ser interpretados como representações simbólicas ou metáforas de crises concretas vivenciadas pelas sociedades. Por exemplo, a hermenêutica sociológica pode associar a descrição de “pragas” apocalípticas a pandemias reais, ou comparar as “batalhas” escatológicas a conflitos geopolíticos de grande escala.

Historicamente, tais narrativas têm oferecido um veículo para a expressão de ansiedades coletivas profundas, relacionadas à incerteza, à finitude e à percepção de desordem social ou cósmica. Elas facultam a articulação de temores difusos, funcionando como um repositório simbólico que contribui para a elaboração e gestão dessas emoções no plano social. Ao nomear e estruturar medos relativos ao futuro e à imprevisibilidade, o imaginário apocalíptico confere sentido — ainda que ominoso — a experiências de crise e transição.

Ademais, a crença em um desfecho iminente ou em um julgamento final pode atuar como catalisadora de distintas respostas comportamentais. Observam-se reações diversas entre indivíduos e grupos que aderem a essas visões, incluindo retraimento social e isolamento, intensificação da busca por segurança e salvação por meio de práticas e comunidades religiosas ou, inversamente, mobilização coletiva. Esta última pode manifestar-se na formação

de grupos coesos, que se percebem como agentes na luta contra forças consideradas desagregadoras ou “malignas”, buscando ativamente intervir no curso dos eventos percebidos como finais.

Dessa forma, a análise sociológica das narrativas apocalípticas revela sua contínua relevância não apenas como fenômeno religioso, mas como um poderoso elemento cultural que reflete, expressa e, por vezes, molda as respostas sociais diante de períodos de instabilidade e mudança.

Já vimos percepções apocalípticas de um mundo vindouro, justo e perfeito frequentemente emergem como respostas compensatórias a um presente marcado pelo sofrimento e pela privação. Tais narrativas mobilizam grupos marginalizados em movimentos que, por vezes de forma violenta, buscam concretizar essa utopia. Elas oferecem uma explicação para o sofrimento presente e a promessa de uma inversão da ordem social (Cohn, 1970).

Embora historiador, o trabalho de Cohn é fundamental para a sociologia dos movimentos milenaristas. O autor argumenta que surtos de fervor apocalíptico e messiânico na Europa medieval e no início da modernidade frequentemente coincidiam com períodos de grande desastre social e desorientação — como fome, peste, guerras e rápidas mudanças sociais —, afetando sobretudo as populações mais vulneráveis e desraizadas.

Max Weber (1989), por sua vez, afirma que um profeta apocalíptico, dotado de carisma, pode emergir em tempos de crise para oferecer uma nova teodiceia — ou seja, uma explicação para o mal e o sofrimento — e um caminho radical para a salvação. Tal figura desafia as estruturas tradicionais de dominação e oferece uma reinterpretação total do sentido da história e do cosmos. A aceitação de sua mensagem está ligada à sua capacidade percebida de resolver as angústias existenciais e sociais de seus seguidores, levado sempre por “uma tomada de posição relacionada com alguma coisa do mundo real” e um “dever de conquistar na luta do dia-a-dia a certeza subjetiva da eleição e justificação” (Weber, 1989, p. 102; Weber, 2004, p. 102). Em suas análises, Weber (2004) investigou o papel dos profetas — muitos deles com mensagens escatológicas — e do carisma na transformação social. A profecia apocalíptica pode desafiar a ordem estabelecida e introduzir novas éticas. Em sua interpretação mais ampla da racionalização e do “desencantamento do mundo”, o fervor apocalíptico aparece como uma força contrária, buscando um “reencantamento” ou uma resolução divina para as tensões da modernidade.

3.1 A natureza como expressão apocalíptica

Gleiser (2011) afirma, no livro *O fim da terra e do céu*, que, devido à natureza sagrada atribuída aos céus por diversas culturas e religiões, os fenômenos celestes eram (e, muitas vezes, ainda são) vistos como mensagens vindas dos deuses, que poderiam ser tanto boas quanto más. Em muitas tradições, os sinais do fim ou a punição divina vêm dos céus, seja por meio de objetos celestes lançados pelos deuses sobre nossas casas e terras, seja por meio de uma misteriosa escuridão em pleno dia ou de dilúvios que afogam todos, exceto alguns privilegiados.

Em textos apocalípticos mais extremos, objetos caem dos céus e anunciam o fim de toda a vida na terra, o fim dos fins, que trará paz eterna aos virtuosos e sofrimento eterno aos pecadores. Este tipo de visão, de um evento cataclísmico vindouro, reflete uma dimensão profundamente enraizada nas narrativas mitológicas, onde o céu não é apenas um local distante, mas um espaço onde o destino humano se entrelaça com os sinais divinos, configurando uma ligação quase irremediável entre o cosmos e a humanidade. A narrativa apocalíptica, assim, representa não apenas uma explicação para os fenômenos naturais, mas um reflexo das angústias humanas sobre o futuro e a finitude da vida.

A ciência, desde suas origens, também se inspirou nos céus e em seus mistérios. De Platão a Einstein, muitos dos maiores filósofos e cientistas de todos os tempos dedicaram-se ao estudo dos céus, não apenas por razões práticas, mas numa tentativa de elevar a mente humana para aproximá-la da do Criador, o “grande Organizador Cósmico” (Gleiser, 2011, p.17). A busca por entender o universo e seus fenômenos cósmicos tem sido uma constante ao longo da história, mas, ao mesmo tempo, as tradições religiosas e espirituais mantêm uma forte presença, especialmente nas culturas que associam o céu a uma esfera divina ou transcendental. O céu, nesse sentido, continua a ser um símbolo central na busca por respostas existenciais, refletindo as dúvidas humanas sobre a origem do universo e o papel do ser humano nele.

Além disso, o filósofo Mircea Eliade (2006) aponta que a relação simbólica entre o céu e a terra também é marcada por um “mito do céu” que permeia muitas tradições religiosas e culturais, sendo o fim do mundo uma “abolição do tempo profano decorrido realizava-se por meio de rituais que significavam uma espécie de “fim do mundo”” (Eliade, 2006, p.37). Para ele, o céu não é apenas o lugar de morada dos deuses ou dos espíritos, mas também o ponto de referência onde o humano busca encontrar um significado maior para sua existência. A noção de que os fenômenos celestes estão diretamente ligados a eventos terrenos, como as

catástrofes naturais ou os finais apocalípticos, reforça a ideia de que o homem, desde os primórdios, tem tentado decifrar os sinais do cosmos como uma maneira de lidar com suas incertezas, seus medos e suas aspirações.

Em muitas das narrativas apocalípticas, as figuras que descem dos céus, como anjos ou deuses, não são apenas mensageiras do fim, mas também agentes da transformação. Isso se reflete tanto no simbolismo religioso quanto em certas visões científicas que ainda tentam reconciliar a ideia de um desfecho universal com as leis naturais do universo. De fato, o impacto das ciências e das crenças religiosas sobre as visões apocalípticas demonstram como essas narrativas servem para dar sentido a um mundo caótico, funcionando como um espelho das ansiedades coletivas e oferecendo, simultaneamente, uma promessa de redenção e renovação (Eliade, 2006, p.61).

3.2 Partindo para análise: uma ressonância do imaginário apocalíptico na cultura contemporânea através da música, cinema e literatura.

A persistência do imaginário apocalíptico transcende os domínios estritamente religiosos, manifestando-se de forma proeminente em diversas produções culturais contemporâneas. Narrativas que exploram temas de destruição, caos, mas também de esperança e reconstrução, encontram vasta expressão na música, no cinema e na literatura contemporâneos, funcionando como veículos para a articulação de ansiedades sociais e reflexões existenciais.

A música, enquanto poderosa ferramenta de comunicação e expressão emocional, frequentemente incorpora temas escatológicos. Diversos gêneros e artistas utilizam elementos líricos e sonoros para evocar atmosferas de tensão, urgência e iminência, refletindo ou metaforizando cenários de fim de mundo. Uma análise de gêneros como o metal e o rock revela a recorrência de letras que abordam destruição, julgamento final e colapso social.

No cenário brasileiro, essa temática também se faz presente. Um exemplo notório de intersecção entre discurso religioso e evento cultural de massa ocorreu no carnaval de 2025 (conforme relatado no texto original, adaptado para a data atual fictícia para consistência), quando a cantora Baby do Brasil incitou Ivete Sangalo a interpretar a canção "Pequena Eva", numa alusão interpretada como um chamado à restauração moral sob uma ótica cristã em um contexto de festa popular.

Além de apropriações com fundo religioso explícito ou implícito, a música secular brasileira explora o apocalipse como metáfora para crises sociais e ambientais. Composições como "Planeta Água" (Guilherme Arantes, 1981) alertam para a escassez de recursos naturais;

o álbum *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MC's, 1997) retrata a violência e a desigualdade nas periferias urbanas como um cenário de colapso social; "A Carne" (Elza Soares, diversas gravações) denuncia opressões raciais e sociais históricas; e mesmo "Apocalipse" (Roberto Carlos, 1986) utiliza a moldura bíblica para reflexões existenciais sobre a finitude.

Além disso, temos no carnaval pernambucano o famoso frevo Trombone de Prata, de Capiba, que começa com as estrofes:

“Ouvi dizer que o mundo vai-se acabar
 Que tudo vai pra cucuia
 O sol não mais brilhará
 Mas se deixarem
 Um bombo e uma mulata
 E um trombone de prata
 O frevo bom viverá”

O gênero rap, em particular, frequentemente aborda a violência urbana, a crise climática e a luta por justiça social sob uma ótica de urgência e catástrofe iminente. Assim, a música opera como um sismógrafo das tensões sociais, utilizando a semântica apocalíptica como forma de denúncia, alerta ou chamado à reflexão e ação.

O cinema contemporâneo demonstra um notável interesse por narrativas apocalípticas e pós-apocalípticas, evidenciado pela expressiva quantidade e popularidade de produções do gênero. Essas obras exploram visualmente cenários de colapso através de diversos subgêneros:

Quadro 1 – Cinema contemporâneo e as narrativas apocalípticas

FILME	DIRETOR	ANO	CATEGORIA
O Mundo Depois de Nós	Sam Esmail	2023	Colapso Societário/Pós-Apocalipse (Tecnológico)
Não Olhe Para Cima	Adam McKay	2021	Sátira Social/Política
Guerra Mundial Z	Marc Forster	2013	Pandemias/Zumbis
A Estrada	John Hillcoat	2009	Colapso Societário/PósApocalipse
Guerra dos Mundos	Steven Spielberg	2005	Invasões Alienígenas
O Dia Depois de Amanhã	Roland Emmerich	2004	Desastres Naturais/Climáticos

Fonte: Elaborada pelo autor (2025)

Tais filmes, frequentemente sucessos de bilheteria e ampla circulação em plataformas de *streaming*, utilizam efeitos visuais e narrativas de impacto para explorar não apenas a espetacularidade da destruição, mas também a resiliência e as fragilidades da natureza humana sob pressão extrema, além de servirem como alegorias para medos contemporâneos relacionados ao meio ambiente, tecnologia, política e coesão social.

A literatura, por sua vez, oferece um espaço privilegiado para a exploração psicológica e existencial dos cenários apocalípticos. Obras como *A Estrada* (Cormac McCarthy, 2006) e *Estação Onze* (Emily St. John Mandel, 2014) imergem o leitor nas experiências subjetivas de personagens que enfrentam a perda, o medo e a necessidade de encontrar significado em mundos devastados, promovendo reflexões sobre memória, civilização e os fundamentos da existência humana.

4 CAMINHANDO PARA O FIM: O APOCALIPSE E SUAS REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia adotada para a realização da pesquisa, detalhando as abordagens, técnicas e procedimentos utilizados para a coleta e análise dos dados. A metodologia escolhida reflete a natureza da pesquisa, que busca compreender os impactos das representações apocalípticas no imaginário ocidental, analisando suas manifestações culturais, sociais e psicológicas.

A metodologia adotada nesta pesquisa é bibliográfica e qualitativa, fundamentada no método comparativo de crenças. Através da análise de obras religiosas, literárias e filosóficas, busca-se compreender como diferentes culturas e épocas construíram suas visões sobre o fim do mundo. Sendo assim, a metodologia segundo Creswell (2007, p. 187) significa que o pesquisador busca uma visão mais ampla de outras pesquisas. Já a abordagem qualitativa, compreende o texto, dispensando assim, qualquer certeza de quântico de números.

A pesquisa bibliográfica com cunho qualitativo, por sua vez, possibilita esse olhar interpretativo por meio da sistematização e confronto de diferentes saberes e produções acadêmicas já consolidadas. Essa comparação possibilita refletir sobre como o apocalipse serve como um espelho da condição humana, revelando tanto aspectos universais quanto específicos das sociedades. No que concerne ao lado interpretativo, Collier (1993) explica, que o método busca interpretar fatos, permitindo identificar permanências e rupturas nas crenças apocalípticas.

Dito isto, partiremos para análise da cena do carnaval 2025. Vale ressaltar que, o nosso foco não é olhar a resposta de ambas artistas envolvidas, mas falar da comoção psicológica do que se diz como tema “o fim do mundo” diante do imaginário popular, ou como eles interpretam tal assunto. Porém, para ser mais explícito, cabe um resumo a cena que foi mencionada durante a pesquisa.

O fato aconteceu com o encontro entre Ivete Sangalo e Baby do Brasil, ocorrido durante o carnaval de 2025, tornou-se um marco simbólico da interseção entre cultura popular e imaginário religioso-apocalíptico no Brasil contemporâneo. Durante a apresentação, Baby — conhecida por sua trajetória na música brasileira — afirmou em tom de alerta: “Todos atentos porque nós entramos em apocalipse. O arrebatamento tem tudo para acontecer entre 5 e 10 anos”. A fala, carregada de um discurso escatológico, repercutiu amplamente por ocorrer em um dos espaços mais seculares e festivos da cultura brasileira: o carnaval de rua.

Ivete, por sua vez, respondeu em tom descontraído, mas não menos significativo: “Eu não vou deixar acontecer porque não tem apocalipse certo quando a gente maceta o apocalipse”.

Em seguida, ao cantar o clássico "Eva", a cantora acrescentou: “Vou cantar o macetando porque Deus está mandando [...] Ele não permitirá porque a força de Deus é maior do que qualquer mandamento”. A troca de falas, embora inserida em um contexto performático e espontâneo, traz à tona disputas simbólicas sobre o fim dos tempos, fé, resistência e esperança. Veja o vídeo na íntegra:

Imagem 1: Corte da cena “Macetando o apocalipse”



Fonte: Perfil do instagram Papel Pop (2024) ¹

Esse episódio pode ser interpretado como uma encenação do embate entre diferentes discursos sobre o apocalipse, oscilando entre o temor religioso e a resistência festiva. Mais do que uma polêmica pontual, o momento evidencia como o imaginário apocalíptico se infiltra nas narrativas públicas, inclusive naquelas ligadas ao entretenimento de massa, revelando tensões entre a sacralidade do discurso religioso e a irreverência das expressões culturais populares. Trata-se de um exemplo contemporâneo de como o apocalipse, longe de ser apenas uma crença

¹ Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C3NNjWou7ry/?utm_source=ig_web_copy_link

teológica, torna-se também linguagem simbólica para se pensar medos, esperanças e formas de resistência coletiva.

O encontro entre Ivete Sangalo e Baby do Brasil no carnaval de 2025 chamou atenção não só pela troca de ideias, mas pelo que isso mostra sobre como as pessoas lidam com a ideia do fim do mundo. Quando Baby falou sobre o apocalipse e o arrebatamento, ela estava trazendo uma mensagem de esperança dentro da sua crença: o fim como um novo começo, um caminho para a salvação. Já Ivete respondeu de forma leve e brincalhona, dizendo que iria “macetar o apocalipse”, como se quisesse afastar o medo com bom humor.

Na psicanálise, falar sobre o fim do mundo pode despertar diferentes sentimentos. Freud, o pai da psicanálise, via essa ideia como uma forma de esperança. Pode parecer estranho, mas é como se pensar no fim ajudasse as pessoas a imaginar uma mudança ou algo melhor. Para alguns, isso traz força para continuar. Lazarus (1990) explica que a esperança pode ser o desejo de um futuro melhor ou a confiança de que é possível superar os desafios.

Por outro lado, para muitas pessoas, pensar no fim também traz medo, angústia ou até vontade de fugir do assunto. A psicanalista Rose (2023) diz que muitas vezes a mente foge da dor e evita pensar no que incomoda. Isso ajuda a entender a reação das duas cantoras: Baby falou do fim como esperança de salvação, enquanto Ivete, talvez representando um jeito mais popular e descontraído de lidar com isso, reagiu com humor — uma forma de aliviar a tensão.

Tudo isso mostra que cada pessoa entende e sente o “fim do mundo” de um jeito diferente. Isso depende da cultura, da fé ou da forma como cada um encara a vida. Como dizem Graeber e Wengrow (2023), não existe um único caminho cultural, mas muitos. E é essa diversidade que explica por que o apocalipse pode significar tanto medo para uns e tanta esperança para outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recorrência do tema apocalíptico em diferentes plataformas culturais pode ser analisada sob múltiplas perspectivas. Do ponto de vista das ciências humanas, essas narrativas espelham e elaboram ansiedades coletivas difusas. No campo psicológico, exploram emoções humanas fundamentais, como o medo da aniquilação e a esperança de renovação. A origem religiosa de muitas dessas imagens confere-lhes uma profundidade simbólica que ressoa mesmo em contextos secularizados.

Historicamente, instituições religiosas utilizaram narrativas escatológicas como ferramentas para reforçar doutrinas, promover coesão grupal e consolidar códigos morais, valendo-se de sua forte ressonância emocional. No âmbito secular, a fascinação pelo “fim” persiste, ainda que a interpretação dessas narrativas varie: podem ser lidas como advertências literais, metáforas para crises contemporâneas, críticas sociais, chamados à transformação ou reflexões sobre a condição humana diante da adversidade.

Em suma, o imaginário apocalíptico demonstra notável plasticidade e persistência na cultura contemporânea, funcionando como um repertório simbólico complexo e multifacetado, por meio do qual as sociedades articulam seus medos, esperanças e questionamentos sobre o futuro.

Ao longo deste artigo, explorou-se o mosaico das narrativas apocalípticas no Ocidente, desde suas raízes religiosas até suas expressões na cultura popular contemporânea. O que emerge dessa análise é a compreensão de que essas histórias não se reduzem a relatos de destruição, mas operam como espelhos simbólicos que refletem os anseios, temores e contradições da experiência humana.

Narrativas apocalípticas, em sua essência, funcionam como termômetros sociais, captando as ansiedades coletivas de cada época. Seja o medo do juízo divino, a angústia diante da devastação ambiental ou o pavor da aniquilação nuclear, essas histórias confrontam-nos com as sombras que pairam sobre nossa existência.

No entanto, o apocalipse não representa apenas desespero. Pode, também, funcionar como catalisador de esperança, convocando à ação diante da adversidade. Essas narrativas nos recordam nossa fragilidade, mas igualmente nossa capacidade de resiliência, de nos unirmos frente à calamidade.

Ao compreender os impactos psicológicos e sociais dessas narrativas, é possível desenvolver uma maior consciência dos medos coletivos e, assim, preparar-se de forma mais efetiva para os desafios do porvir. Que este estudo funcione como um convite à reflexão, de modo que a esperança prevaleça sobre o medo e a ação coletiva sobre a inércia.

REFERÊNCIAS:

- BARROS, José Carlos de. *A metáfora do apocalipse: uma leitura de Michel Maffesoli*. 2011.
- BHATIA, Vijay K. *Análise de Gêneros Hoje*. Tradução de Benedito Gomes Bezerra, 2001.
- BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto; EdUERJ, 2005.
- COHN, Norman. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. São Paulo: Círculo do Livro, 1970.
- COLLIER, D. The Comparative Method. In: FINIFTER, Ad W. (ed.). *Political Science: The State of the Discipline II*. Washington, D.C.: American Political Science Association, 1993.
- COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and eschatology in Jewish and Christian apocalypticism*. Leiden: Brill, 2000.
- COLLINS, John J. *The apocalyptic imagination: an introduction to Jewish apocalyptic literature*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.
- COOK, David. *Contemporary Muslim apocalyptic literature*. Syracuse: Syracuse University Press, 2005.
- COOK, David. *Studies in Muslim apocalyptic*. Princeton: Darwin Press, 2002.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 2006.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GLEISER, Marcelo. *O fim da Terra e do Céu: o apocalipse na ciência e na religião*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GOMES, Jeymison Mendes. *O heavy metal como identidade de um grupo: resistência, experiências e headbangers em campo*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/20265/1/TCC%20%20JEYMISON%20MENDES%20GOMES.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2025.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo: ensaio sobre a sensibilidade pós-moderna*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- MANDEL, Emily St. John. *Estação Onze*. São Paulo: Intrínseca, 2015.

McCARTHY, Cormac. *A estrada*. São Paulo: Alfabeta, 2007.

NHAT HANH, Thich. *The Heart of the Buddha's Teaching: Transforming Suffering into Peace, Joy, and Liberation*. New York: Broadway Books, 1999.

PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. As montanhas se desfarão: sincretismo imagético na apocalíptica judaico-zoroastrista. In: *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 17, n. 52, p. 167-195, jan./abr. 2019

SOARES, Dionísio Oliveira. A literatura apocalíptica: o gênero como expressão. *Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 7, n. 13, p. 99-113, 2008.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. v. 1. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, DF: Editora UnB, 1991.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

WRIGHT, N. T. *Surpreendido pela esperança: repensando o céu, a ressurreição e a missão da igreja*. Tradução de Gabriele Gregersen. Viçosa, MG: Ultimato, 2016.

ZIMMER, Heinrich. *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*. São Paulo: Palas Athena, v. 1, p. 1000, 1989.

Referências eletrônicas:

Macetar o apocalipse no carnaval: as narrativas evangélicas do fim dos tempos. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/artigos/macetar-o-apocalipse-no-carnaval--as-narrativasevangelicas-do-fim-dos-tempos-0224>. Acesso em: 01 abr. 2025.

O imaginário apocalíptico: entre limites, fronteiras e o sentimento do fim. Disponível em: <https://1library.org/article/o-imagin%C3%A1rio-apocal%C3%ADptico-entre-limitesfronteiras-sentimento-fim.qmwmd69z>. Acesso em: 01 abr. 2025.

GLOSSÁRIO

Apocalipse – Narrativa ou conjunto de crenças sobre o fim dos tempos, o julgamento final e a transformação do mundo, analisada neste trabalho em suas manifestações religiosas e culturais seculares. Derivado do grego *apokálypsis* (revelação).

Apocalipsismo – Movimento ou sistema de pensamento, geralmente de base religiosa, que adota e enfatiza uma perspectiva escatológica apocalíptica, frequentemente interpretado como resposta a contextos de crise, opressão ou mudança social (conforme Soares, 2009).

Carisma – No contexto da análise weberiana citada, refere-se a uma qualidade percebida como extraordinária em um líder (ex: profeta), que lhe confere autoridade e capacidade de atrair seguidores, podendo desafiar ordens estabelecidas, especialmente em tempos de crise.

Desencantamento do Mundo – Conceito sociológico de Max Weber que descreve o processo histórico de racionalização crescente, onde explicações mágicas, míticas ou divinas do mundo são progressivamente substituídas por explicações científicas e racionais, levando a uma percepção do mundo como calculável e desprovido de mistério intrínseco.

Escatologia – Campo da teologia e do estudo religioso que trata das "últimas coisas" ou do fim dos tempos; doutrina sobre o destino final da humanidade, do mundo e da alma individual.

Hermenêutica (sociológica) – Abordagem interpretativa utilizada neste trabalho para analisar os significados sociais e culturais subjacentes às narrativas apocalípticas e suas representações em diferentes mídias e contextos.

Imaginário (Social/Ocidental/Apocalíptico) – Conjunto compartilhado de imagens, símbolos, narrativas, crenças e representações que estruturam a forma como uma sociedade ou grupo (neste caso, a cultura ocidental) percebe, interpreta e se relaciona com um determinado fenômeno (neste caso, o apocalipse ou fim do mundo).

Milenarismo – Crença na chegada iminente de uma era futura de paz, justiça e felicidade na Terra, com duração de mil anos (ou um longo período), frequentemente associada a profecias apocalípticas e, por vezes, a movimentos sociais que buscam instaurar essa utopia (conforme análise de Cohn, 1970).

Racionalização – Processo social e histórico, central na análise de Max Weber, caracterizado pela crescente organização da vida social com base em princípios de cálculo, eficiência, previsibilidade e regras formais, em detrimento de valores, tradições ou emoções.

Re-encantamento – Fenômeno ou tendência social que busca reintroduzir elementos de mistério, magia, transcendência ou sentido não-racional no mundo, muitas vezes como reação ao processo de desencantamento; pode manifestar-se em novas espiritualidades ou na reinterpretação de tradições, incluindo elementos apocalípticos.

Religiões Abraâmicas – Termo que designa as três principais religiões monoteístas que traçam sua origem ou reverenciam a figura de Abraão: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Semântica (apocalíptica) – Análise do significado e do uso de signos, símbolos e linguagem relacionados ao tema do apocalipse dentro de um sistema específico, como as letras e sonoridades de gêneros musicais.

Teodiceia – Argumento ou explicação que busca justificar a existência do mal, do sofrimento ou da injustiça no mundo frente à crença em uma divindade simultaneamente onipotente, onisciente e benevolente. Narrativas apocalípticas podem funcionar como uma forma de teodiceia ao projetar uma resolução final e justa.